

Video[en]gramas de uma revolução, versão 4G [ou Através das estéticas pós-históricas: Guten Morgen, Herr Flusser!]

Video[en-]grams of a Re[mix]volution², the 4G version
[or Through the post-history aesthetics:
Good Morning, Mr. Flusser!]

Milena Szafir

Doutora em Meios e Processos Audiovisuais pela ECA-USP e professora no curso de Cinema e Audiovisual da UFCE. Graduada pela FAU-USP e com formação também em Processamento de Dados pela ETESP, atualmente coordena a pesquisa “Projetares Audiovisuais v.3: os Gestos de Montagem” e o grupo de estudos “Ritmos e Intervalos: estéticas através do espelho”, em busca do “M-Lab”. Email: profmilena@manifesto21.tv

SUBMETIDO EM: 26/02/2016

ACEITO EM: 11/04/2016

DOSSIÊ

RESUMO

O presente ensaio visa apresentar um trecho do approach do Manifesto21.TV quando solicitado a analisar as transmissões de vídeo online ocorridas em 2013 no Brasil. Ao longo desses quase três anos de pesquisa, análise e escritas, procuramos refletir sobre a natureza imagética desse “novo” audiovisual ubíquo – e pervasivamente presente – em nossa cultura já digital. Aqui, em formato de besprechen-remix com Vilém Flusser, trata-se, portanto, de um curto ensaio sobre certo estatuto da imagem em transmissões-recepções aparentemente efêmeras que se configuram como afetivas comunicações engramatizadoras linkadas a paradigmas debordianos.

PALAVRAS-CHAVE: Internet; engrama; telefonia móvel; espetáculo; sublime

ABSTRACT

This paper aims to present a Manifesto21[dotTV]’s approach when it was asked to analyze the on-line video streaming during 2013 in Brazil. Thus, over these three years of research, analysis and writing, we looked for reflecting on the imagery nature of this “new” audiovisual – ubiquitous and pervasively current – in our digital culture (its second wave). So, in a form of besprechen-remix with Vilém Flusser, it is a very short (tiny) essay on a certain status of the image (and sound) through its seemingly ephemeral receptions-transmissions characterized as e/affective communications linked to the debordian paradigms.

KEYWORDS: Database, engram, videograms, television, guerilla

2 O título em inglês – Video[en-]grams of a Re[mix]volution – alude à parte prática de minha tese de doutorado, “Retóricas Audiovisuais 2.1 [...]” (2015, ECA-USP). << [it] is an emergence of a series of works produced by the artist-researcher as an attempt to investigate online audiovisual dialogues and video montage proceedings. >>

O presente ensaio, em formato de entrevista – ou diálogo –, visa uma introdução para pensarmos as “novas” imagens técnicas, ou imagens pós-históricas (tomando uma concepção flusseriana). Sabe-se que, também para Flusser, as tecnoimagens – fotografia, cinema, vídeo, computação gráfica – modificaram a forma de ser (e viver) no mundo.

Assim, a conversa com Flusser, que transcrevemos a seguir, visa apresentar um trecho do *approach* do Manifesto21.TV quando solicitado a analisar as transmissões de vídeo *online* ocorridas em 2013 no Brasil. Ao longo desses quase três anos de pesquisa, análise, reflexão e escritas, procuramos ensaiar sobre a natureza imagética desse “novo” audiovisual ubíquo – e pervasivamente presente – em nossa cultura já digital. Trata-se de um ensaio – ainda que em formato de *besprechen* –, pois apontaremos nossas inquietações que de forma alguma são conclusivas. Ensaio, ainda, no sentido *stricto* tal como trabalhava o professor em seus gestos de escrita.

Vale ressaltarmos sobre o formato aqui proposto, “conversando com Vilém Flusser²”, nos baseamos no vídeo online “*SchlagWorte-SchlagBilder – Ein Gespräch mit Vilém Flusser*” (diálogo com Harun Farocki, providenciado junto à presente pesquisa pelo remix algorítmico do *Search Engine System* da *Google* em 27 de outubro de 2014). Ou seja, enquanto aqui no Manifesto21.TV íamos trabalhando nisso – em diálogos com pensadores também já falecidos, como Warburg, Burke, Benjamin, Sontag, Foucault, Debord, Spinoza, Kracauer, Guattari, Eco etc. –, linkamos tal gravação (de 1986) à palestra de abril de 1990 em Budapeste e ao filme-ensaio referência de Ujika e Farocki (1992). Nosso diálogo-remix segue, ainda, entre as linhas das escritas de Vilém Flusser já publicadas atualmente em português, inglês e espanhol. Desejamos um bom diálogo – e reflexão – a todos!

“por favor, capture-me, por favor coloque-me na imagem!”

V. Flusser (1990)

MANIFESTO21.TV: Caro Flusser, temos pensado em diálogos audiovisuais desde nossa formação e, há pelo menos dez anos, esses como manifestações em rede (quando o YouTube acabara de surgir e a telefonia móvel

2 Da série “Hipotéticas Entrevistas”, onde debatemos com pensadores já falecidos. Flusser morreu em 1991, as respostas aqui contidas são, portanto, colagens entre textos e palestras do filósofo que dialoga, então, com a entidade virtual Manifesto21.TV (2004/2006 –).

já se encontrava então capacitada – em sua tecnologia GPRS-EDGE – a transmissões ao vivo de som e imagem pré-3G).

Tirando a parte de nossa discussão sobre vigilância, implícita aos “novos” meios [“espetáculo+vigilância=consuno”], e sobre as questões relacionadas ao que chamamos de “gestos Remix”, como podemos refletir sobre o que estamos vivendo atualmente?

Digo, se pensarmos em possíveis “videogramas de uma revolução”, nos interessa a reflexão filosófica sobre a enxurrada de vídeos *online on demand* e, principalmente, “ao vivo” – em “tempo real” [*live*] – nesses últimos anos dentro e fora do Brasil, ainda que admitamos (como você à época) que possa ser demasiadamente cedo para tanto...

V. FLUSSER: [...] parece que algo aconteceu ali, e foi chamado aqui de uma revolução. Eu acho que é um termo errôneo, falho. Porque revolução é uma categoria política e não parece a mim que o que aconteceu ali tenha qualquer coisa de político!

MANIFESTO21.TV: Mas as manifestações ocorridas ao redor do mundo, todas, tinham cunho político, não?

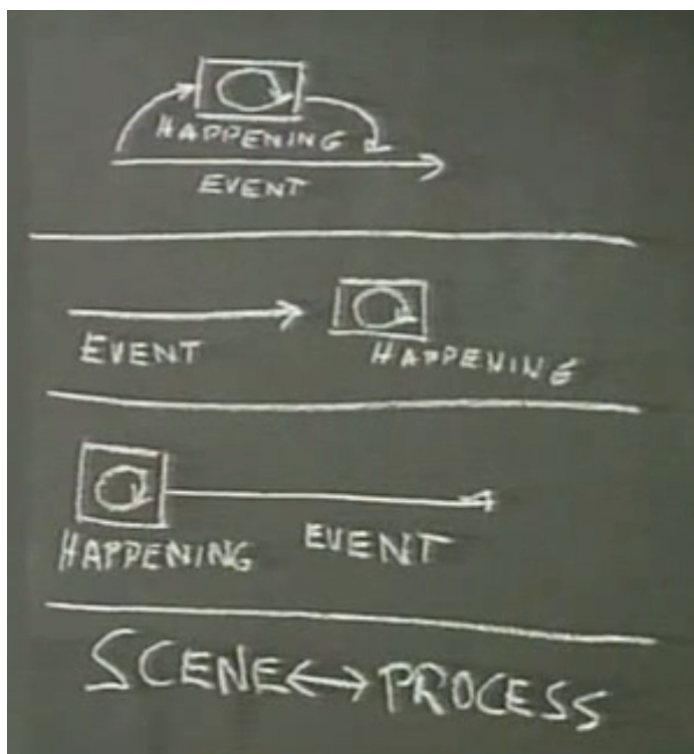
V. FLUSSER: Por favor, compreenda onde eu quero chegar! Televisão não pode ser, como qualquer outra imagem, algo político. É antipolítica desde sua própria estrutura. E a consciência política está sempre direcionada contra a imagem! Agora, o que seja que tenha acontecido aí, talvez possa, no futuro, ser interpretado como uma reviravolta. Pode ser o que os filósofos americanos e franceses têm chamado de pós-história...

MANIFESTO21.TV: Você mesmo passou a utilizar também esse termo – pós-história – ao longo de seus escritos...

V. FLUSSER: Imaginem, por exemplo, e é por isso que eu aceitei o convite a estar aqui nesse encontro, imaginem por exemplo que esse tipo de coisa pudesse acontecer, digamos, nos Estados Unidos [...] Imaginem por um momento que a televisão nos Estados Unidos fosse tomada... E eu acho que vocês imaginariam o fim da história, o fim daquilo que nós temos chamado de história.

MANIFESTO21.TV: Sim, na complexidade de um dos trabalhos realizados³ havia, em parte, uma ideia de tomada dos meios de comunicação como direito à expressão⁴...sonhávamos com um tipo posterior de televisão –“the next tv” (2008) – dentro das questões que eram caras a nós, relacionadas à síntese “espetáculo+vigilância=consumo” (Manifesto Panóptico, 2004)... Sabe, havia também um debate em voga sobre tevê digital à época, estávamos focadas nas possibilidades de ação audiovisual-perfomáticas entre o espaço físico público e os agenciamentos audiovideográficos no espaço *online*...

V. FLUSSER: Eu lhe apresentarei algumas hipóteses sobre uma nova situação na cultura imagética que está prestes a acontecer. [...] Nós temos ao menos duas possibilidades para encararmos nosso mundo: uma é através da imagem e a outra é através da escrita linear.



Desenho/ Escrita em quadro negro (lousa) por Vilém Flusser (aos 02'45" da gravação “*Television Image and Political Space in the Light of the Romanian Revolution* [07-abril-1990]”. In: PETERNÁK, M.; ZIELINSKI, S. (eds.) “We shall survive in the memory of others”. DVD, 2010).

3 “Manifeste-se [todo mundo artista] – mobile webTV live broadcast” (2006-2009)
 < <https://www.youtube.com/watch?v=Ku8Wh7lu0Cg> >, acesso em 21/03/2016 [postagem de 21/01/2009]
 4 < <https://www.youtube.com/watch?v=cvcCfVDAIFA> >, acesso em 21/03/2016 [postagem de 21/01/2009]

MANIFESTO21.TV: Sim, você já havia nos alertado sobre isso em “Filosofia da Caixa Preta” (1983/85⁵)...

V. FLUSSER: Agora, a imagem transforma o mundo em cena. Como no teatro: CENA. Através da imagem o mundo passa a ter uma característica cênica. Tal imagem apresenta contexto [...] O mundo visto através da imaginação é um contexto, onde as coisas relacionam-se umas às outras. Ou seja, isso passa a ser uma característica mágica. Cada imagem é fortemente carregada com magicidade.

MANIFESTO21.TV: Mas essa seria o que conhecemos, através de sua filosofia, como imagem pré-histórica – aquelas que orientavam os homens no mundo; lhes orientavam a acontecimentos ritualísticos antes de saírem a caçar um animal, por exemplo...

V. FLUSSER: É absolutamente impossível vermos a imagem fora de sua esfera mágica. [...] Há uma característica vodu em cada imagem. [...] Para mim, a imagem é a possibilidade de pisar fora do mundo e vê-lo do lado de fora. Ou seja, elas são como mapas. [...] Então, elas são mediações. Elas significam o mundo. Mas, ao significarem o mundo, elas também o escondem.

MANIFESTO21.TV: Sim, essa é exatamente a dialética de toda mediação (de todo espetáculo, interface: o propósito da imagem, como realidade, é mascarar o que realmente acontece). Então, estamos agora falando das imagens midiáticas, essas que “mascaram” o mundo, certo?

V. FLUSSER: *Bilder verstellen was sie vorstellen, sie stellen sich vor das was sie vorstellen sollen.* [...] é a razão de uma profunda alienação. As imagens são construídas pelas pessoas visando orientá-las no mundo, mas, quando elas se tornam muito fortes, as pessoas costumam tomá-las como experiência no mundo, a se orientarem pela imagem. A imagem se torna a realidade concreta e o mundo é apenas um pretexto.

MANIFESTO21.TV: Olha, o que estamos vivenciando são opções de inúmeras transmissões audiovisuais pelas redes sociais: fundimos o mundo “real” (da experiência) com o mundo da imaginação. Ou seja, a imagem se tornou a realidade concreta, somos todos orientados por essas imagens...

5 Publicado na Alemanha em 1983 e no Brasil em 1985.

V. FLUSSER: Isso é chamado pelos profetas de idolatria. Essa é a razão porque Platão queria proibir arte e imagens na República: imagens são antirrepublicanas, antipolíticas.

MANIFESTO21.TV: Mas Flusser, essa é uma parte aterrorizante na República de Platão (no pensamento estético de Platão): proibições e julgamentos da arte, o que pode e o que não pode, aquilo que é permitido daquilo que deve ser banido... Então, vivemos numa espécie de idolatria contemporânea, ao invés de termos fundido a experiência com a virtualidade (potencialidade)?

V. FLUSSER: Agora, deixe-me diferenciar a visão cênica de uma processual. Na cena, algo acontece. Tudo é um acontecimento. Na linear, no mundo processual, nada acontece. Tudo é um evento.

MANIFESTO21.TV: Flusser, antes, por favor, clareie – para nossos possíveis interlocutores aqui – essa diferença entre um evento e um acontecimento.

V. FLUSSER: A diferença entre um acontecimento e um evento é que um acontecimento é o resultado do acaso, de um acidente.

O mundo do “acontecimento” é um mundo caótico, mas tudo se repete nesse mundo caótico.

No evento histórico, na visão de mundo como um processo, nada se repete, nunca. Tudo é um evento que possui suas causas e terá efeitos. É um mundo que pode ser explicado racionalmente. [...] a discussão de uma lei no parlamento não é um acontecimento, é um evento. Ela tem causas e terá efeitos e deve ser feito, está na ordem de produzir efeitos.

MANIFESTO21.TV: Okay, recapitulemos: “acontecimento” é o acidente numa cena, acaso cênico; “evento” é a escrita num processo linear, histórico. Então, no mundo histórico a linha é feita de causas e efeitos (“eventos”), enquanto que no mundo caótico (de “acontecimentos”) tudo é mágico e festivo...

V. FLUSSER: A consciência que corresponde à imagem é chamada de consciência mítica, mágica. E a consciência

que corresponde à escrita linear nessa visão processual é chamada de consciência política.

MANIFESTO21.TV: Certo. Sabemos que a história – ao menos a ocidental – nasce com a escrita linear, a escrita sobre “eventos”... Como você disse, do contrário as coisas todas aconteceriam tão somente sem deixarem vestígios como consciência política. Nesse contexto da escrita histórica, as imagens retornam, a princípio, apenas como ilustrações dos textos. Mas ao longo dos séculos temos lutado com essa dialética texto-imagem... As imagens retomam o poder no início do século XX, tornam-se moeda dialógica-discursiva. Já em nosso recente século 21, vivemos sob uma dinâmica algorítmica que rege a movimentação, o fluxo mesmo, das tecnoimagens como informação...

V. FLUSSER: A produção de informações não é criação “ex nihilo”: informações novas são produzidas por síntese de informações disponíveis. Tal método sintético é chamado “diálogo”. A acumulação de informações se dá graças à transmissão de informações rumo a memórias (humanas ou outras), nas quais informação é depositada. Tal método distributivo é chamado “discurso”.

Grosso modo, o Ocidente elaborou dois tipos de diálogo, e quatro tipos de discurso. Os diálogos são circulares (exemplos: mesas redondas, parlamento), ou redes (exemplos: sistema telefônico, opinião pública). Os discursos são teatrais (exemplos: aulas, concertos), piramidais (exemplos: exércitos, igrejas), árvores (exemplos: ciência, artes), e anfiteatrais (exemplos: rádio, imprensa). A história ocidental pode ser vista enquanto jogo comunicativo que vai aplicando tais métodos de comunicação como estratégias.

Sob o bombardeio cotidiano pelos discursos extremamente bem distribuídos dispomos, todos, das mesmas informações, e todo intercâmbio dialógico de tais informações está se tornando redundante. [Por exemplo,] A nossa sensação de solidão se deve a nossa incapacidade crescente de elaborarmos informações novas em diálogo com outros.

MANIFESTO21.TV: Mas nessa solidão das redes parece haver diálogo em busca de uma revolução...

V. FLUSSER: [Trata-se do] discurso teatral [...] o discurso do patriarca que transmite os mitos da tribo à geração nova, é o discurso da avó que conta as lendas aos netos. O que caracteriza este tipo de discurso é o fato dos receptores encararem o emissor [...] A contestação, a reviravolta de discurso em diálogo, a “revolução”, está no

programa do teatro.

A dinâmica da civilização ocidental, essa tensão inerente à civilização ocidental – que se forma tão perigosa e explosiva às demais civilizações –, encontra-se no fato de que texto e imagem, pensamento conceitual e imaginação, política e imagem estão sempre em conflito conosco. Agora, durante a maior parte da história ocidental esse foi um processo bastante criativo: imaginação se tornou cada vez mais conceitual e o pensamento conceitual cada vez mais imaginativo. Mas com a invenção da prensa, com Gutenberg, isso mudou: imagens foram eliminadas de nossa cultura, elas foram enclausuradas dentro de gloriosos guetos, chamados de academias ou museus, e a situação foi dominada pela escrita. O triunfo da escrita linear foi o Iluminismo, o século XVIII: esse foi também o momento de maior desenvolvimento do pensamento político. Mas, como pensamento racional, à medida que os pensamentos científicos e políticos avançavam, sua mensagem se tornava cada vez menos imaginável, menos imaginativa. [...] Então, já no século XIX, o mundo passou a se tornar inimaginável e essa é a verdadeira razão pela qual a fotografia foi inventada.

Deixem-me dizer o seguinte: a característica da escrita linear – as características políticas da escrita linear – antes da invenção dos jornais, é de que você escreve no privado e então você publica no espaço aberto. E se você quiser pegar uma mensagem, você precisa ir a um espaço aberto, pegar o texto e levá-lo para casa para poder ler tal mensagem. Agora, essa dialética entre a criação privada e a publicação é a dialética da política. A política é uma distinção entre o espaço público e o privado: um *oikai* e um *agora*, um *domus* e um *forum*.

Então esse movimento pendular – de eu precisar sair do espaço privado e ir ao público para conseguir uma informação, agarrar essa informação no público e levá-la para casa a fim de elaborar sobre ela e então depositá-la afora – é a dinâmica da consciência política.

Hegel, como vocês sabem, costumava chamar a isso de “consciência infeliz”. Porque, ele dizia, “quando eu saio de casa para conquistar o mundo eu perco a mim mesmo. E quando eu vou pra casa a fim de encontrar-me novamente, eu perco o mundo.” E esse pêndulo é a consciência política. A consciência política é sempre infeliz. Não pode haver paraíso político. Porque consciência política é uma consciência infeliz. Toda consciência é infeliz. Se você quer ser feliz, não lhe ajudará nas imagens, você precisa se tornar um verme. [...] uma minhoca é feliz, eu acho.

MANIFESTO21.TV: Mas, e quando temos uma amplitude de consciência política mesclada à mágica, ao mundo dos “acontecimentos”, como o que temos vivido nessa segunda década do século 21?

V. FLUSSER: Agora, vamos voltar à fotografia.

A fotografia foi inventada a fim de gerar imagens sobre os eventos ao nosso redor. Não apenas os eventos políticos, mas também os tecnológicos e os científicos. [...] A história caminhou e os eventos avançaram linearmente, mas as fotografias elevaram-se a uma transcendência. Elas transcenderam a história e congelaram os eventos em acontecimentos. Elas assistiram os eventos em seus contextos, os transcodificaram em acontecimentos e então elas o retornaram para a história. Assim, eles puderam ser utilizados como uma variável da memória histórica. A isso chamamos de documentação: imagens passaram a ser utilizadas para documentar eventos históricos.

A ideia aqui é: há a história e então há o fotógrafo. O fotógrafo dá um passo para trás da história, sobre algo – que nós poderíamos chamar de transcendência mística – e afora essa transcendência mística, ele fotografa o que acontece. Vocês sabem, há um problema: no momento em que você dá um passo para trás – da política para a imagem –, você não pode ter um ponto de vista. O ponto de vista político foi perdido. Porque no momento em que você se ausenta da política, você vê que todo evento possui muitos pontos de vista possíveis: nenhum deles é o correto, e o que você pode fazer é multiplicar os pontos de vista. Você dança ao redor do evento e quanto mais você o fizer – quanto mais você coletar pontos de vista – melhor é sua imagem. Então, há o fotógrafo que dança ao redor de um evento, ele olha para as pessoas através da câmera – há dançarinos, eles são o povo husserliano –, ele tenta ser fenomenológico, claro, sem sucesso, porque vocês sabem que *image-makers* não pensam, eles não podem pensar. Pensar é anti-imagem. Agora, eles dançam ao redor do evento e, ao dançarem, ao coletarem pontos de vista, eles destroem a ideologia (que é a insistência em um mesmo e único ponto de vista).

MANIFESTO21.TV: Chegamos a mais um ponto de discordância, caro Flusser. Discordamos de que *image-makers* não pensem! Discordo de que “pensar é anti-imagem”, do contrário as “Retóricas Audiovisuais” perdem todo o seu valor ou teríamos que admitir que o filme-ensaio e seus gestos de montagem não sejam reflexivos, propulsores de autoconsciência...

V. FLUSSER: Mas havia consequência imprevista. Todo círculo dialógico elaborou código específico no qual a nova informação era sintetizada. As informações destarte codificadas passaram a ser decifráveis apenas para os “especialistas” [...] Destarte as mensagens do discurso em árvore tendiam a ser indecifráveis para a sociedade como um todo. O que “ressacerdotizou” e “reautorizou” o discurso. Os “leigos” não mais captavam as mensagens provindas das várias árvores [...] A solução do problema é traduzir as mensagens dos discursos

em árvore para códigos socialmente decifráveis. Construir aparelhos que “transcodam”. O resultado disto é o discurso anfiteatral. É ele característico da atualidade. [...] Assim, transcodadas, as mensagens são irradiadas rumo ao espaço, e quem flutuar em tal espaço e estiver sincronizado, sintonizado, programado para tanto, captará as mensagens irradiadas. A “cultura de massa” é o resultado deste método de comunicação discursiva. [...] Se admitirmos que a linearidade é a estrutura da história, os media se apresentam como comunicação pós-histórica. São caixas pretas que têm a história por *input*. E a pós-história por *output*. São programados para transcodarem história em pós-história, eventos em programas. [...] os *mass media* estão se tornando fontes preferenciais das informações disponíveis. São eles os que codificam o nosso mundo. Vivemos em clima pós-histórico. [...] O discurso anfiteatral programa diálogos em rede.

MANIFESTO21.TV: Mas atualmente estamos vivendo em uma geração de “diálogos audiovisuais e em rede” (Szafir, 2011) onde os vídeos *online* são geradores de participações reflexivas...

V. FLUSSER: O *videomaker* opera sobre a linha de acontecimentos [...] O material bruto do *videomaker* é a história em sentido *stricto*: linha de cenas. Por isso, não apenas atua na história como trabalha sobre ela. Nesse sentido, seu gesto é pós-histórico.

Seu interesse não visa unicamente contar o acontecimento (compromisso histórico), mas tende também a montar alguns acontecimentos distintos (compromisso pós-histórico).

Esse é exatamente o motivo da fascinação que o vídeo exerce como instrumento. Nos permite descobrir as virtualidades [potencialidades] que há nele, que são desconhecidas para aqueles que o inventaram e para os que pagam sua produção. E nos permite voltar o seu propósito evolutivo em outra direção. Ainda assim, pode-se manusear o vídeo com gestos que estejam previstos no modelo a esse propósito. Nesse caso, a análise mostrará como estamos sob o poder existente por detrás dos aparelhos. Podemos descobrir assim, por trás dos gestos do *videomaker* – estabelecidos e ocupados pelo sistema –, o modo e a maneira como o sistema nos programa a todos.

Mas podemos também operar o vídeo com gestos que descobrimos em outros meios de comunicação, como certos gestos do cinema, textos, composições musicais, esculturas, especulações filosóficas. Com tudo isso pode se dar uma nova qualidade. E essa nova qualidade derivará da estrutura dialógica do vídeo. Dito em poucas palavras: trata-se de gestos que já não perseguirão a produção de uma obra, cujo sujeito seria o executor, mas de gestos que tentam alcançar um acontecimento onde o executor participe dele, ainda que o acontecimento o controle.

Resumamos: se trata de um gesto que se pode ler e interpretar como o alumbramento de uma nova forma de estar no mundo. Uma maneira de ser que se coloca em juízo das categorias tradicionais (por exemplo, as da arte, da ação histórica ou da objetividade) e projeta novas categorias que ainda não podemos analisar de forma clara. É necessário analisar os gestos – como o gesto do vídeo que aqui esboçamos rapidamente –, para começar a compreender as novas categorias. Talvez possamos indicar essa compreensão sob o denominativo “especulação dialógica” e traçar assim uma ligação até Platão: insinuamos a suspeita de que se os antigos tivessem refletido com vídeos e com palavras, nós ao invés de bibliotecas teríamos videotecas, e ao invés de uma lógica teríamos uma videótica. Mas tudo isso são anacronismos.

MANIFESTO21.TV: Sugiro pensarmos agora esses anacronismos então. Vivemos na *Big Data*, onde – ainda que postagens de vídeos (e comentários de diferentes naturezas) gerem constantes “visualizações de dados” a partir de *hashtags* etc. e que sejamos jogadores interconectados pelos aparelhos e seus programas –, estamos a refletir (como opinião pública) sobre a política através das mensagens dialógicas audiovisuais (ou não), certo?

V. FLUSSER: O anfiteatro exige que a informação irradiada seja transformada dialogicamente em mingau amorfo, em “opinião pública” a fim de servir de *feedback* aos aparelhos emissores. A meta dos diálogos em rede não é a produção de informação nova, mas o *feedback*.

Você ouve pessoas politizadas falando, elas dizem: “meu ponto de vista é o correto e o seu é o errado.” Mas se você escutar um fotógrafo, ele fala: “todo ponto de vista é o mesmo, o problema é quantos pontos de vista eu posso captar”. Mas todos esses problemas ficam de lado, a ideia aqui é que a imagem deve documentar a política.

Mas, na primeira metade do século XX – e ainda mais forte após a segunda guerra mundial – essa relação começa a mudar. De repente, a política passa a ser feita a fim de tornar-se uma imagem. O propósito da política... – que do nada mais ninguém sabia os propósitos da política... Progresso não é um propósito, progresso é um método; mas para onde avançaremos? O que vocês querem dizer com avanço? Nós não sabemos para onde.

De repente, então, nós descobrimos para onde: nós avançamos em direção à imagem.

Tudo queria ser fotografado, e filmado, e ser captado em vídeo, e o propósito de tudo... Vocês sabem, como em uma festa de casamento: o propósito de se casar é ser fotografado na festa. O propósito de ir à lua era estar – tanto quanto Mr Nixon pudesse estar – na televisão [...] O propósito dos sequestradores árabes nos aviões

era serem captados pela televisão. Então, de repente, as pessoas descobriram sobre o que se trata a política: a política almeja ser captada – *aufgenommen* – como uma imagem.

MANIFESTO21.TV: Concordamos plenamente, meu caro Flusser: 1972, 2001... É aqui que nos sintonizamos: “espetáculo+vigilância=consumo”... (...)

V. FLUSSER: E, vocês sabem, isso criou um fenômeno curioso: os eventos passaram a acelerar, eles rolaram em direção à e pela imagem.

Pensem: um evento seguido de outro, porque todo evento queria ser captado como uma imagem. Havia as pessoas, com câmeras de televisão, e havia os fotógrafos, e havia as pessoas com seus filmes – os cineastas –, eles ficaram parados ali e toda a história rolando em direção a eles, dizendo: “por favor, capture-me, por favor coloque-me na imagem!”

É curioso... Por que as pessoas deveriam fazer isso?

É a Imagem que agora causa eventos!

Vejam, o que estou dizendo é terrivelmente assustador... Eu não sei o quanto vocês compartilham de minha... Eu não acho que nós estejamos atentos quando nós falamos sobre pós-história ou se nós tenhamos conhecimento/ discernimento do terror sobre o que estamos falando.

Imagem mágica... Nós vimos ontem e essa manhã [...] Então, o que nós vimos, as imagens de ontem e de hoje são altamente estéticas: foi “*l’art pour l’art*”, era o propósito do teatro. Eu acho que foi Lessing quem disse: “o propósito do teatro é *mitleid und furcht zu erwecken*, promover o medo e a simpatia”.

MANIFESTO21.TV: Sim, também é a definição via interpretação do Leviatã de Hobbes por Ginzburg... ou ainda se pensarmos na definição estética de Burke. Mas, então, como podemos analisar os movimentos Occupy, a Primavera Árabe que, importados ao Brasil, se transformaram nos espetáculos áudios-imagéticos de Junho de 2013?

V. FLUSSER: A experiência verdadeira está na imagem! O que aconteceu por detrás da imagem não tem utilidade para nós: a razão política não tem mais qualquer validade. Não há qualquer realidade por detrás da

imagem: toda a realidade está na imagem! [...] Razões políticas não se aplicam aqui. Aqui está o resultado da mágica: é um tipo de vodu técnico. Como o podemos julgar? Nós não temos critérios para isso: nós não possuímos uma filosofia da pós-história. Nós ainda não temos uma filosofia da imagem no poder.

MANIFESTO21.TV: Temos os *rankings*, geração de *trending topics* nas redes sociais... Toda e qualquer informação que circule *online* gera números, *analytics* em *data visualization*... Vivemos no xadrez interconectado do jogo debordiano. Há categorias distintas de gestos, Flusser...

V. FLUSSER: Agimos como jogadores jogados. [...] Para captarmos o “estar-no-mundo” do jogador, do *homo ludens*, vale observar os gestos do produtor de filmes. [...] Querer saber se tal ou qual programa televisionado é “live” ou vídeo, se tal personagem na tela é político ou ator representando político, passa a ser pergunta “vazia”.

Diante de todo programa se põe, não a questão “qual a sua realidade?”, mas a questão “como funciona?” O gesto de codificar e decifrar tecnoimagens [fotografias, vídeos, filmes, hologramas etc] se passa em nível afastado de um passo da escrita, e de dois passos do nível das imagens tradicionais. É o nível da consciência pós-histórica. Trata-se de nível ainda dificilmente sustentável. [...] Os aparelhos são caixas pretas que são programadas para devorarem sintomas de cenas, e para vomitarem tais sintomas em forma de imagens. Os aparelhos transcodem sintomas em imagens. [...] São caixas que devoram história e vomitam pós-história.

MANIFESTO21.TV: Você quer dizer que as manifestações de Junho de 2013 etc.⁶ no Brasil não passaram de passes de mágica pós-histórica?

V. FLUSSER: As tecnoimagens fingem que não são simbólicas como o são as imagens tradicionais. Fingem que são sintomáticas, “objetivas”. A diferença entre símbolo e sintoma é que o símbolo significa algo para quem conhece o convênio de tal significação, enquanto o sintoma está ligado causalmente com seu significado. [...] Tal pretensão à sintomaticidade, à objetividade, das tecnoimagens é fraude.

Na realidade os aparelhos transcodem sintomas em símbolos, e o fazem em função de determinados programas.

6 Até as atuais (2016) em destaque midiático (seja na televisão aberta, na paga ou na “livre” internet...)

MANIFESTO21.TV: Veja, Flusser, não estamos falando de TV, mas talvez de possíveis webTVs que captavam e vivenciavam os acontecimentos nas ruas lançando-os ao Facebook etc. através dos celulares em punhos (imagem estratégica para eventos) ... Voltemo-nos a uma questão inicial aqui: de que maneira podemos compreender esse espetáculo midiático-telemático?

V. FLUSSER: O aparelho como um todo dispõe também de aberturas para o *input*, pelas quais devora sintomas e textos. [...] Os textos vêm em duas formas diferentes. Na forma de reportagens, *scripts* etc., que “descrevem” cenas. E na forma de programação, que por sua vez se fundamenta em textos de teorias científicas e de ideologias. Isto é: o aparelho se nutre de sintomas e de história em vários níveis. Tudo isso lhe serve de matéria-prima. [...] Não que a história tenha deixado de “desenvolver-se”. Pelo contrário: rola mais rapidamente que anteriormente, porque está sendo sugada para o interior do aparelho. Os eventos se precipitam rumo ao aparelho com rapidez acelerada [...] A história toda, política, arte, ciência, técnica, vai destarte sendo incentivada pelo aparelho, a fim de ser transcodada no seu oposto: em programa televisionado. O aparelho se tornou a meta da história.

De maneira que as tecnoimagens, ao contrário das tradicionais, não significam cenas, mas eventos. [...] Quem estiver por elas [imagens-eventos] programado, vivencia e conhece a realidade magicamente. [...] É magia pós-histórica, e a história lhe serve de pretexto.

MANIFESTO21.TV: Okay... mas como se dá esse retorno a uma “realidade mágica” em nossa era pós-histórica?

V. FLUSSER: Não está baseada em fé, senão em programas. “Programa” é “prescrição”: a escrita é anterior a ele. [...] Quem estiver programado por tecnoimagens, vive e conhece a realidade como contexto programado.

MANIFESTO21.TV: Apenas em 2013, então, nós brasileiros estávamos programados – prescritos – para vivenciar a pós-história das tecnoimagens que estrategicamente se desenrolaram?

V. FLUSSER: Não nos é permitido ler o texto ou contemplar as imagens. A situação caótica que se cria aqui deve penetrar nossa consciência, nossa consciência deve deixar de funcionar, e assim nos vemos obrigados a

perceber a mensagem em um nível de consciência que nos impede de percebê-la corretamente.



MANIFESTO21.TV: Finalizaremos em aberto, com uma última questão para – como num filme (ou novela) – podermos seguir adiante em um próximo capítulo: nesse jogo áudio-imago-cibernético em que vivemos atualmente, como desprogramá-lo? Ou melhor, desprogramar-mo-nos dele? [*to be continued...*]